

PASTEJO ROTACIONADO 1: PONTOS CRÍTICOS NA IMPLANTAÇÃO

Augusto Zonta

Zootecnista, Ms, PqC do Polo Regional da Alta Paulista/APTA

zonta@apta.sp.gov.br

Márcia Cristina de Mello Zonta

Zootecnista, Ms, Técnica do Polo Regional da Alta Paulista/APTA

marciazonta@apta.sp.gov.br

Na pecuária moderna constantemente adotamos novas tecnologias e cada uma delas nos oferecem vantagens e desafios. Debater se o sistema de pastejo rotacionado é melhor que o pastejo contínuo é perda de energia. O que realmente faz sentido é discutir se determinada tecnologia é adequada para minha realidade e se tenho condições de conduzi-la corretamente pelo tempo necessário.

Entre as vantagens do sistema de pastejo rotacionado podemos citar o melhor aproveitamento do pasto, consumo mais uniforme e menor gasto energético do animal para a busca de alimento de qualidade. As pesquisas mostram que esta tecnologia proporciona melhores ganhos por área e menores ganhos por animal. Isto ocorre devido ao menor poder de seleção do animal.

Em regiões onde o custo da terra é alto esta característica torna-se interessante. Os maiores desafios desta técnica são os custos com cercas para a divisão da área e a capacitação do produtor para entender, observar e ajustar as variações no sistema ao longo do ano.

É imprescindível o acompanhamento de um profissional nos dois primeiros anos da implantação do sistema. No início, recomenda-se um ritmo menos intenso e introdução parcial do rebanho neste novo sistema.

Aspectos gerais

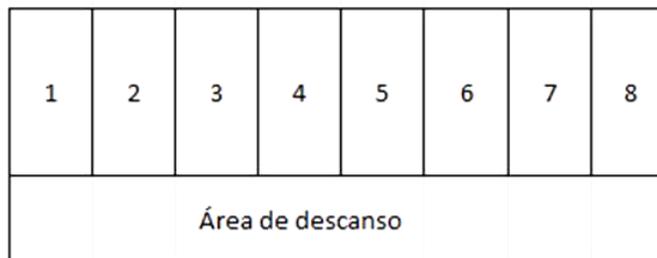
Em um sistema de pastejo rotacionado a área da pastagem é dividida em piquetes que são utilizados durante um certo intervalo de tempo que chamamos de período de ocupação. Ao fim deste período o piquete ficará em descanso com a transferência dos animais para o piquete seguinte. Observa-se um pastejo mais uniforme quando os piquetes são retangulares.

Para reduzir os custos de implantação, as novas divisões devem ser planejadas de forma a aproveitar as cercas e divisões já existentes e o acesso por um corredor a uma área coletiva única com sombra, água e sal mineral. Nesta área os animais irão descansar e ruminar.

Recomenda-se que a área de descanso fique estrategicamente localizada de forma que o piquete mais distante não exceda a 500m. O tamanho da área de descanso deve ser adequada para abrigar todos os animais do sistema e não prejudicar a vegetação de cobertura do solo. Evitando-se assim a produção de lama no local em épocas de chuva, o que causaria prejuízos sanitários e produtivos.

Conforme a categoria animal a ser trabalhada, o espaço individual varia de 15 a 30 m² para cada animal. Visando evitar quebra de cercas e facilitar a manobra das máquinas por ocasião da adubação ou outros processos, o corredor de acesso à área de descanso deve ser de 10m de largura e as entradas com 5m no mínimo.

Duas opções de croqui exemplificando os piquetes e área de descanso.



Os cochos de sal mineral devem fornecer 5 cm linear por animal e 10 cm por animal para o cocho de água. O sal mineral deverá estar sempre disponível e soltinho. Esta verificação

deve ser feita diariamente aproveitando a ocasião para observar a condição dos animais e da pastagem.

Quanto ao cocho de água devemos prestar atenção ao volume de água do reservatório e a vazão para o rápido preenchimento após o consumo. A limpeza dos cochos é algo que o produtor não dá a devida atenção, mas é de grande importância. Se não há água disponível e de qualidade os animais não bebem, não há consumo de alimento e conseqüentemente não há ganho de peso.

No verão o consumo de água por animal varia entre 30 a 50 litros por dia conforme a categoria. Para exemplificar: Com 50 animais no sistema, o consumo total médio seria de 2.000 litros por dia. A vazão de entrada deverá repor 50% do consumo diário em 2 a 3 horas. Ou seja 1.000 litros.

Recomenda-se que o valor de consumo diário seja multiplicado por 3 (6.000 litros para os 50 animais), pois desta forma, se houver algum problema na entrada de água, bomba ou tubulação, o produtor terá 3 dias para resolver o problema. Este prazo é muito útil principalmente se o problema ocorrer no final de semana.

Número de piquetes

O número de divisões depende principalmente das características da gramínea predominante na área. No caso de novas áreas dependerá da gramínea escolhida. A fisiologia, ciclo, hábito de crescimento, facilidade de propagação, velocidade de rebrota, resposta a adubação e adequação às condições climáticas da região são algumas informações que precisam ser levadas em consideração na escolha.

Por exemplo, se o sistema for instalado em áreas com gramíneas de hábito cespitoso, como no caso do gênero *Panicum* (Colonião, Mombaça, Tanzânia), haverá um maior número de piquetes e um menor número dos dias de ocupação, em comparação com as gramíneas de crescimento prostrado, no caso as braquiárias.

Isto ocorre porque as plantas cespitosas sofrem mais com as desfolhas, principalmente as rebrotas, uma vez que são de fácil apreensão pelos bovinos. Por este motivo, precisam de maior número de dias de descanso. Já com as prostradas ocorre o inverso.

Observe a fórmula:

Número de piquetes = (Dias de descanso / Dias de ocupação) + 1

- Quanto maior o período de ocupação menor será o número de piquetes.
- Quanto menor o período de ocupação maior o desafio.
- Quanto maior o período de descanso maior será o número de piquetes.
- Maior número de piquetes implica em maior custo com estrutura.

Conclui-se que é de grande importância encontrar o equilíbrio entre o nível de desafio, ou seja, a intensidade do sistema e o custo de implantação deste. Intensidade do sistema implica em grande remoção de material vegetal, maior nível ou frequência de adubação, menor área por animal, maiores perdas por acamamento, dependendo da categoria maior disputa, exige melhor controle de cerca e melhor mão de obra.

De forma geral utiliza-se 25, 30 ou 35 dias de descanso e 1, 3 ou 5 dias de ocupação. Estes intervalos atendem a maioria das gramíneas normalmente utilizadas. Recomenda-se período de ocupação de 1 dia apenas para os experientes. Não é recomendado períodos de ocupação maiores que 5 dias pois desta forma os animais passariam a comer a rebrota. Esta situação não é desejável. Alguns trabalhos apontam também que neste caso ocorre uma maior infestação por helmintos.

Observe a tabela:

Período de descanso (dias)	Período de ocupação (dias)	Número de piquetes
25	1	26
	3	9
	5	6
30	1	31
	3	11
	5	7
35	1	36
	3	13

	5	8
--	---	---

Cercas

A utilização de cerca elétrica para as divisões internas da área é a escolha mais comum, uma vez que apresenta custo por quilometro inferior ao da cerca de arame farpado tradicional. Porém, nesta hora o produtor fica tentado a economizar no eletrificador, painel fotovoltaico, baterias, isoladores e outras peças. Não vale a pena.

Trabalhe com peças de qualidade e consulte um profissional para a construção das cercas, proteção contra raios e adequado aterramento. A cerca elétrica funciona desde que instalada adequadamente e não haja vazamentos de corrente devido a peças ruins ou falta de roçada do capim nas linhas de condução.

Considerações finais

O correto dimensionamento do sistema é um ponto importante para a redução de custos com estrutura e um relacionamento harmônico com a fisiologia da gramínea disponível. A escolha do tipo de cerca utilizada depende do capital disponível na fase de implantação e a orientação de um profissional para a construção de cercas elétricas é uma questão de segurança e economia.